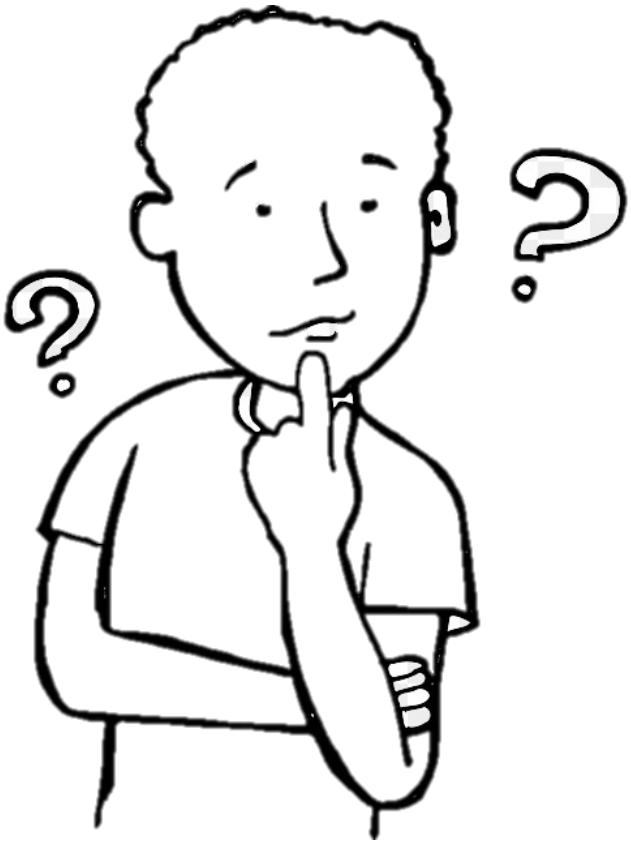


“Ser pessoa dá trabalho.

Requer coragem, empenho, desafio e calma.

Requer um olhar demorado sobre o que somos,

a percepção dos detalhes que nos constituem

e nos moldam, e depois uma intervenção.

Ninguém pode ser transformado

só na atitude de contemplar-se.

É necessário o movimento que redireciona, reorienta,

reconfigura e faz emergir o que há de mais precioso

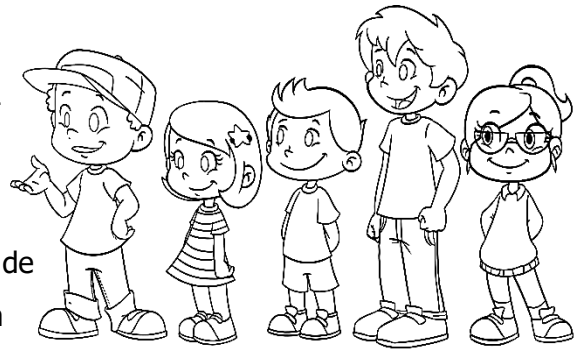
e que insiste em ficar sequestrado

Fábio de Melo

TEMA: **Amor e Generosidade**

OBJETIVO: Reconhecer e valorizar o amor e a generosidade como virtudes que favorecem as relações interpessoais e promovem a boa convivência em sociedade.

POR QUE AGIR



Em tempos em que se fala tanto da necessidade de ética, valores e moral, vale a pena refletir sobre como educar as gerações mais novas para que tenham a qualidade da generosidade. Elas têm aprendido a viver de acordo com a cultura do individualismo que as cerca e têm priorizado a posse das coisas mais do que o uso delas, porque assim temos ensinado. O individualismo não combina com a generosidade, o clima competitivo não se conecta com a solidariedade. Por isso é importante desenvolver a generosidade, uma virtude que possibilita olhar o outro e cuidar dele e assim ter relações sociais mais harmoniosas.

Na escola os alunos podem e devem aprender a compartilhar, a saber esperar, a colaborar com os outros, a conter seus impulsos individualistas. Ensinar a criança a ser generosa é uma grande contribuição para que ela construa uma boa imagem de si mesma. Vale a pena, portanto, investir nesse ensinamento. (Adaptação de texto de Rosely Sayão)

APROFUNDANDO

Saber é indispensável, mas não suficiente para garantir atitudes generosas, justas e, enfim, morais. Estudos demonstram que a generosidade está presente no início da construção da moralidade. Ou seja: crianças bem pequenas já reconhecem esse valor e apresentam atitudes generosas. Ora, por que então no mundo de hoje atitudes generosas são consideradas como exceções nas relações? Uma das hipóteses que nos parece lógica é a de que como a escola e a família muitas vezes não reconhecem, não incentivam ou não valorizam tal virtude, ela se "enfraquece" e não se torna presente nas relações. Faz sentido? Pois então, é hora de invertermos essa lógica! Se quisermos melhorar o mundo em que vivemos, precisaremos praticar a generosidade sempre que tivermos oportunidade.

Há na generosidade, pelo menos três aspectos importantes que devem ser destacados. O primeiro deles é o altruísmo, pois no ato generoso, é sempre outrem o beneficiário da ação. O segundo refere-se à existência de um sacrifício de si. E o terceiro aborda o sentido de que, dá-se a outrem, não o que lhe cabe de direito, mas sim o que corresponde a uma necessidade singular, ou seja, é dado a outrem o que necessita em suas mais diversas especificidades. (Adaptação de texto de Rosely Sayão)

QUEBRANDO A CUCA

MEIAS VELHAS...

"O mundo não está muito legal. Mas se a gente crescer fazendo o bem, vamos conseguir transformar o futuro" – Maria Luíza Ventura

Uma meia velha pode servir para esquentar o pé, virar enfeite de Natal ou até coar café. Já muitas meias velhas juntas podem ajudar a esquentar o corpo inteiro – o coração inclusive.

A ideia pipocou na cabeça de Maria Luísa Ventura quando a garota de 11 anos estava escolhendo um pijama na loja Puket. Lá ela descobriu que a empresa estava coletando as tais peças sem uso para desfiá-las e transformá-las em cobertores para quem dorme em abrigos ou na rua.

A garota logo acionou as amigas para juntas costurarem um plano. Ficou combinado que o grupo passaria de sala em sala na escola onde estudam para pedir doações, que seriam depositadas em caixas de papelão decoradas e espalhadas pelo colégio.

– A gente explicava que podia ser meias de qualquer tamanho, cor e modelo. Não precisava nem ter par – diz ela. Só não podia ter chulé.

Durante o mês de junho, ela encarou o frio na barriga que sentia ao visitar as turmas do 6º e 7º anos para aquecer e ajudar desconhecidos. Quatro caixas inteiras foram preenchidas.

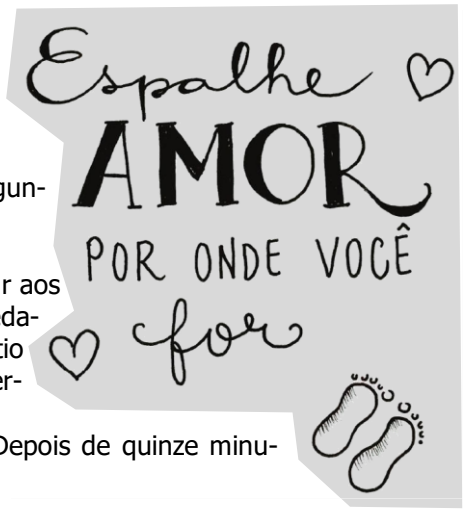
– Foram tantas que acabei não contando. Coloquei tudo no porta-malas do carro e entreguei na loja. Agora quero descobrir se já viraram cobertores – diz ela.

Todas as meias já foram desfiadas, transformadas em mantas e doadas.

(Crianças que se mexem para mudar realidade em que vivem - Folha de São Paulo -12/10/18)

1. Que ideia pipocou na cabeça de Maria Luísa e como ela colocou-a em prática?
2. Maria Luísa acha que o mundo não está muito legal. A atitude tomada por ela ajudará a transformar o futuro? Por quê?
3. Você conhece outros trabalhos solidários? Já participou ou conhece alguém que participa dessas atividades? Conte o que sabe sobre essas ações.
4. Há um ditado do século passado que diz: "A união faz a força". Podemos fazer um paralelo entre esta frase e a ação de Maria Luísa? Comente.
5. O sucesso da "Campanha da meia velha" resultou da iniciativa da garota ou da colaboração dos alunos? Qual a sua posição? Justifique a sua indicação.
6. Quais os frutos das campanhas solidárias:
   a) para os que promovem as ações?
   b) para os destinatários dos benefícios?

O QUE É O AMOR?



Maria de Fátima era professora da terceira série. Uma turma muito agitada, mas que vivia surpreendendo-a com ideias criativas.

Numa das aulas, Cibele, uma das alunas mais aplicadas perguntou:

– Professora, o que é o amor?

Maria de Fátima sentiu que era um bom momento para ensinar aos alunos o verdadeiro sentido do amor, não o amor banalizado como a sociedade trata hoje. Propôs então uma brincadeira. Todos deveriam ir para o pátio da escola. Deveriam procurar e levar para a sala o objeto que mais despertasse neles o sentimento de amor.

As crianças saíram rapidamente, empolgadas com a tarefa. Depois de quinze minutos, voltaram.

– Quero que cada um mostre o que trouxe - disse a professora.

Aninha tomou a frente e disse:

– Eu trouxe esta flor, não é linda?

Leonardo, orgulhoso falou:

– Eu trouxe esta borboleta. Veja o colorido de suas asas, vou colocá-la na minha coleção.

Outra criança completou:

– Eu trouxe este filhote de passarinho. Ele havia caído do ninho junto com outro irmão. Não é uma gracinha?

E assim as crianças foram mostrando o que tinham trazido para simbolizar a beleza do amor.

Terminada a exposição, a professora notou que havia uma criança que tinha ficado quieta o tempo todo. Ela estava vermelha de vergonha, pois nada havia trazido. Era Juliana. Maria de Fátima se dirigiu a ela e perguntou:

– Meu bem, por que você não trouxe nada?

E Juliana, timidamente, respondeu:

– Desculpe, professora. Vi a flor, e senti o seu perfume, pensei em arrancá-la, mas preferi deixá-la para que seu perfume exalasse por mais tempo. Vi também a borboleta, leve, colorida! Ela parecia tão feliz, que não tive coragem de aprisioná-la. Vi também o passarinho, caído entre as folhas, mas, ao subir na árvore, notei o olhar triste de sua mãe, e preferi devolvê-lo ao ninho. Portanto, professora, trago comigo: o perfume da flor; a sensação de liberdade da borboleta e a gratidão que senti nos olhos da mãe do passarinho. Como posso mostrar o que trouxe?

A professora agradeceu a criança e lhe deu nota máxima, pois ela fora a única que percebera, que só podemos trazer o amor no coração. (Parábolas e Sabedoria – Editora Paulus)

1) O que significa o amor para mim?
2) Como vejo a banalização que o amor vem sofrendo atualmente?
3) Como demonstro o amor que sinto?
4) Consigo dizer aos meus familiares e amigos que os amo?

   Com que regularidade faço isso?

UM PRESENTE INESQUECÍVEL...

Ele entrou na minha vida há vinte anos, encostado à ombreira da porta da sala 202, onde eu dava aulas no sétimo ano. Usava sapatos de borracha três vezes maiores do que os pés, calça xadrez rasgada nos joelhos.

Daniel fez esta entrada banal na escola de uma cidade conhecida pela alta renda de seus moradores, pelas casas coloniais brancas e pelas ruas arborizadas. Disse-nos que a última escola que frequentara ficava situada no município vizinho.

— Colhíamos fruta — disse ele, sem rodeios.

Suspeitava que este rapaz sorridente, amistoso e mal vestido, vindo de uma família de migrantes, fora atirado para uma jaula de leões do sétimo ano, que nunca tinham visto calças rasgadas. Se ele reparou nos risinhos, nada revelou. Não foi rude nem agressivo.

As vinte e cinco crianças do sétimo ano olharam para Daniel com desconfiança até o jogo de bola dessa tarde. Ele deu, então, o primeiro chute certeiro na bola. Isso mereceu-lhe um pouco de respeito dos alunos da sala 202.

A seguir foi a vez de Carlos. Carlos era a criança menos atlética, a mais pesada de todo o grupo. Depois da bola fora do jogador, no meio da algazarra da turma, Daniel aproximou-se e falou calmamente para as costas arqueadas de Carlos.

— Não ligue, tente outra vez. Você é capaz.

Carlos animou-se, sorriu, endireitou-se e chutou forte para dentro do gol. Nesse preciso momento, desafiando a ordem social daquela selva onde entrara, Daniel começou a mudar as coisas — e a mudar-nos.

No fim do ano, todos tínhamos sido atraídos na sua direção. Dava-nos todo o tipo de lições. Como improvisar uma vara para pescaria. Como saber se a fruta está madura antes da primeira dentada. Como tratar os outros, mesmo Carlos. Principalmente Carlos. Nunca usava os nossos nomes, chamava-me "Mestra" e aos alunos "rapazes".

No último dia de aula antes do Natal, os alunos traziam sempre presentes à professora. Era um ritual — abrir todas as caixas, observar o perfume caro ou o lenço ou a carteira de couro, e agradecer à criança. Nessa tarde, Daniel aproximou-se da minha mesa e segredou-me ao ouvido:

— As caixas para a mudança chegaram ontem à noite — disse ele, sem emoção. — Partimos amanhã.

Quando recebi a notícia, os meus olhos encheram-se de lágrimas. Ele quebrou o silêncio constrangedor, falando-me da mudança. Então, tirou uma pedra cinzenta do bolso e com gestos decididos, colocou-a suavemente na mesa.

Pressenti que aquilo era algo de extraordinário, mas lamentavelmente estava desprevenida para responder.

— É para você — disse ele, fixando os olhos nos meus.

Nunca me esqueci dessa manhã.

Passaram anos. Todos os Natais, a minha filha pede que lhe conte esta história. Começa sempre depois de ela pegar na pequena pedra polida que está na minha mesa. Em seguida, aninha-se no meu colo e eu começo. As primeiras palavras da história nunca variam.

— A última vez que vi o Daniel, ele deu-me esta pedra como presente e falou-me das caixas. Isso foi há muito tempo, antes de você nascer.

— Agora já é um homem — termino. Juntas, imaginamos onde estará.

— Aposto que é boa pessoa — diz a minha filha. Depois acrescenta:

— Conta-me o fim da história.

Sei o que ela quer ouvir: a lição de amor e carinho aprendida por uma professora com um rapaz pobre sem nada — e com tudo — para dar. Um rapaz que vivia no meio de caixas. Toco na pedra, recordando.

— Olá, rapaz — digo, suavemente. — Esta é a "Mestra". Espero que já não precises das caixas. E feliz Natal, onde quer que estejas. (*Canja de galinha para a alma* – Mem Martins, Lyon Edições)

1) Por que a chegada de Daniel no 7º ano causou tanto impacto entre os alunos?
2) Como Daniel foi recebido por seus colegas de sala?
3) De que forma Daniel passou a ser tão admirado por seus colegas?
4) Que atitudes revelam que Daniel era uma pessoa generosa?
5) Uma pequena pedra tornou-se um presente inesquecível. Por quê?

PAPO CABEÇA

A Generosidade pode ser vista em atos simples. Não é necessário dispor de um valor material para praticar a generosidade, ela pode estar presente num sorriso, no tempo que dedicamos para ouvir o outro, na atenção que damos às pessoas que nos cercam, na prática da educação. São atitudes simples que fazem a diferença.

A abordagem de questões que envolvam a generosidade deve estar presente no cotidiano da escola. As brincadeiras em grupo são essenciais para desenvolver essa noção de convivência. O aluno entende que é preciso escutar o outro e negociar com ele, esperar sua vez de falar e agir, ceder vantagens individuais em prol do bem comum.

O professor poderá, ainda, incentivar a prática dessa virtude em três áreas principais:

- Generosidade com as próprias coisas: compartilhar seus brinquedos, livros, material escolar, etc.
- Generosidade com o tempo: participar de atividades com os colegas, não utilizar o tempo só para si;
- Generosidade com as suas qualidades e aptidões: auxiliar, com seus talentos, aqueles que têm dificuldades (se desenha bem, se tem facilidade para cálculos, etc.).

CONCLUSÃO

25 de novembro
"Dia de Ação de Graças"

Um momento propício para erguer as mãos e dizer: ***Obrigado!***

Por tudo que aprendemos e ensinamos! Pelo que fizemos ou deixamos de fazer. Pela convivência harmoniosa!

Nós, da Equipe da Pastoral da Educação, agradecemos pela recepção carinhosa ao nosso trabalho.

Aproveitamos para desejar a todos um Feliz Natal.

Natal significa que Deus nos ama!

Que este Natal aumente em nós o amor e a generosidade!

Nosso cartão de Natal

Que venha o Novo Ano trazendo Alegria, Fraternidade e PAZ!

Até 2019

Equipe da Pastoral da Educação